

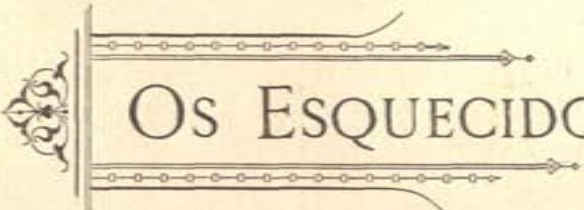
MAYER GARÇÃO

OS
ESQUECIDOS

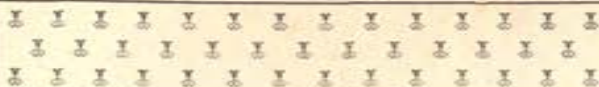
1924

EMPRESA EDITORA E DE PUBLICIDADE
A PENINSULAR L.^{da}

55, RUA DA VITÓRIA, 55
LISBOA

A decorative frame for the title, consisting of two horizontal lines with a series of small circles between them. The lines curve upwards at the ends. On the left side, there is a vertical line with a decorative flourish at the top.

Os ESQUECIDOS



DO MESMO AUTOR

LYRA DA ALMA (esg.) — 1895.

HISTÓRIA ANTIGA (de *G. de Maupassant*) —
TRAD. EM VERSO — 1903.

A MINHA PAYSAGEM — 1904.

EXCELSIOR — 1907.

A DITADURA E A REVOLUÇÃO (esg.) — 1915.

PÁTRIA E LIBERDADE — 1916.

CEM SONETOS (PREFÁCIO) — 1920.

NO PRELO

HORAS DE COMBATE (de *Guerra Junqueiro*) —
PREFÁCIO.

DE COLABORAÇÃO

COM

FERNANDO REIS

OS VERMELHOS — 1899.

A CAMINHO DO SOL — 1900.



MAYER GARÇÃO



OS ESQUECIDOS

Leite Bastos
Costa Alegre
Heliodoro Salgado
«Beldemónio»
Fernando Leal
O velho Gervásio
José Duro
Ernesto da Silva
Moniç Barreto
João Climaco

Eduardo Pinto
José Newton
Alfredo Serrano
Manuel Cardia
Feiçardo de Lima
Nunes Claro
Guilherme Braga
Eduardo Perez
Martins Figueira
Silva Pinto



1924

EMPRESA EDITORA E DE PUBLICIDADE
A PENINSULAR L.^{da}

55, RUA DA VITÓRIA, 55
LISBOA



OS ESQUECIDOS



Os trechos que se vão ler não têm pretensões críticas nem biográficas. Não são estudos, nem são monografias. São apenas rápidas, singelas impressões, quando muito dois ou três traços, desenhando, embora imperfeitamente, um ou outro perfil que evoquem as recordações do leitor, com uma nota não menos fugitiva de saúde e enlévo. Perfis de quem? De algumas figuras esquecidas, de envolta com algumas obras olvidadas ou emoções diluídas. O passado tem sempre um vago encanto em que só avultam as sensações mais dilectas do espirito. Recordar-se a curva de um caminho, a asa de uma vela, certos poentes magníficos, o canto de uma ave, um sorriso de mulher, um belo gesto, uma nobre estátua... Como não se recordará uma vida pura ou uma página sentida? Como não se recordará um rosto amigo, reflec-

tíndo no olhar os sentimentos duma alma elevada, embebida no sonho ou clamando na acção? Às vezes, com essa recordação de beleza e ideal, soará de novo, como o timbre de um sonoro eco, um nome que deixámos apagar-se, mais ou menos, na imaginação. É a hora dos esquecidos; é a hora em que elles surgem, como fantasmas familiares, electrizando-nos ainda com o fluido do seu espirito, que ficou em páginas que raro ou nunca se abrem, ou em actos que só de longe a longe se recordam.

Através da vida, todas as gerações têm uma galeria dèsses esquecidos. A alguns sagrou-os uma firmeza estóica, uma vida de sacrificios e dedicações; a outros devemos porventura as mais queridas, as mais impolutas das nossas inspirações mais vivas. Talvez alguns nos norteassem, para sempre, num determinado sentido. Talvez não fôssemos o que somos se não fôssem elles — quer se trate das nossas predilecções de arte, quer se atenda a outras normas e ideais, que na filosofia, na politica ou na sociologia se concretizem. ; Quem sabe se essas gerações não esquecem, em certos casos, muitos dos seus mestres, aqueles que vincaram primeiro, na sua alma, branda como cera virgem, os traços de um carácter forte! ; Á semente que no nosso íntimo germinou devemos a floração de sentimentos de que nos orgulhamos, e esquecemos a mão do sementeador! Se um dia nos volve à memória o seu gesto augusto, de que falou o poeta, ¿ não será com recolhimento e emoção que o deveremos acolher?

Nas realizações artísticas, nos lances políticos, nas prédicas sociais, só ficam, eu sei! os maiores. Tem de ser necessariamente assim. Se a admiração, se o culto dos que apreciam todas essas manifestações formosas, ou mesmo nelas se envolveram, englobasse todos os obreiros dessa ciclópica pirâmide de anelos, traduzidos perenemente na beleza, quer a das palavras, quer a dos gestos, não haveria cérebro que retivesse os nomes desses obreiros do ideal. Ficam os maiores, os que são expoentes máximos dessas manifestações espirituais; aos outros espera-os o olvido, que é mais pesado do que espessas camadas de terra funerária. Mas, às vezes, não são florescências modestas que se deixam murchar na obscuridade desse olvido; são florescências magnificas que sofrem a mesma sorte, mercê dum singular menosprezo, que toca as raias da iniquidade. Então não é só o coração que foi ingrato; é também a consciência que pecou.

Quando passei, em revista, os esquecidos a que procurei dar, nestas páginas, um relêvo próprio, em que os preitos de justiça se juntassem às oferendas duma saúde, não distingui entre os maiores e os menores. Não! Consultei apenas os ecos simpáticos do coração. Procurei apenas as notas eternamente vibrantes da força, da graça, do amor, do sacrifício. Em todas estas características da alma enlevada numa idea ou num sentimento encontrei lição, exemplo, refrigério, doçura, encanto. Em tudo encontrei particulas duma sensibilidade, duma beleza

dispersas de que a minha própria alma beneficiou, como beneficia a alma de nós todos. ; E, na realidade, para isso todos foram, todos são iguais, os mestres do nosso espírito, os guias da nossa inteligência, os paladinos do nosso ideal, os cantores das nossas melancolias, das nossas paixões, dos nossos júbilos, das nossas esperanças, da nossa fé!

Esquecidos! Esquecidos! O facto é que nos esquecemos a nós mesmos. Esquecemos o ensino elevado que nos foi ministrado por uns; esquecemos o amparo fraternal que outros nos proporcionaram. Esquecemos a nossa mocidade, esquecemos os nossos mestres, esquecemos os nossos irmãos, os nossos camaradas. E só nossos? Não; de muitos outros que os viram marchar com um passo seguro numa senda de abnegação ou de estoicismo, ou os ouviram cantar, no plectro de ouro ou na frauda campesina, glórias e enternecimentos que são os brasões da raça. Nesta pequena galeria tanto figuram uns como outros. Alguns foram meus camaradas, meus amigos; outros nunca os vi, sequer. A alguns já um clarão de superior intelectualidade, de sentimento excelso, os iluminava. Outros ainda mal tinham começado a sua carreira quando a morte brutal os arrebatou; mas já haviam demonstrado, por mais restrita que fosse a esfera em que se movessem, predicados de incontestável mérito. A outros ainda não os exal-

çaria uma inteligência ou um saber vastos; mas tinham no peito mananciais de ideal puríssimo. Podiam ser os mais obscuros, pela posição social: uma convicção forte na liberdade e no progresso, para garantia do futuro da Pátria e da marcha segura da humanidade, dava-lhes direito a tomarem como sua a divisa do vidente de Sagres, que pensava em descobrir mundos: talent de bien faire. Eles acariciavam o seu pensamento de bem fazer com desvelos iguais aos dos paladinos da lenda quando sonhavam ter conquistado o Santo Graal.

Poetas, romancistas, críticos, publicistas, propagandistas, nobres ou plebeus, illustres ou obscuros, todos desempenharam uma acção, todos deixaram uma semente no sulco ávido da terra. ;E estão esquecidos, todos, mais ou menos, mas esquecidos! É esse esquecimento que ainda os irmana, conjugando a virtude, a fragilidade, a singeleza de uns com a força, com a elevação, com a grandeza de outros. Esquecidos do grande público, esquecidos da sua classe, esquecidos dos seus amigos, esquecidos dos seus correligionários, esquecidos de todos. ;Mas que seria dos que não são esquecidos se não fossem esses esquecidos?

Traçando estes perfis, não pretendi, repito, fixar mais do que uma impressão. Fugitiva, efêmera, imperfeita? Não o duvido, na maior parte dos casos, se não em todos. Nada, porém, lhes modifico.

O que eu pretendo não é, precisamente, ser fiel: é ser flagrante. Despertando uma recordação, embora transitória, mas viva, sentir-me hei feliz. De todos estes esquecidos dois, felizmente, vivem, e só são esquecidos porque querem: um poeta, Nunes Claro; um novelista, Eduardo Perez. Ambos, de então para cá, recommencaram a faina literária, em que fácil lhes é o triunfo. São os que, rigorosamente, poderiam, desde já, sair deste livro. Não os deixo, porém, sair, porque não quero privar-me do prazer de lhes prestar uma homenagem, tanto mais grata quanto o nome de ambos se associa às minhas recordações, ainda hoje tam viçosas, das pugnas literárias do meu tempo. Se, sobre a campa dos que morreram, só desejo desfolhar um feixe de violetas, também só peço para, sobre a fronte dos vivos, poder entrelaçar louros. ;Oxalá nem um só dos meus esquecidos deixasse de sair do olvido — para as admirações e para os estímulos irreprimíveis da alma, do carácter e do talento!

Há perto de dez anos que estes perfis, à excepção dos dois últimos, apareceram nas colunas de um periódico de Lisboa, A Capital, de que então era, como ainda hoje sou, effectivo colaborador. Páginas destinadas a lembrar esquecidos, esquecidas foram também, e com maior razão. Por elles, e só por elles, as arranco a esse esquecimento. O jornal tem a vida de um dia; o livro pode ter a vida de séculos. ;Fica na sombra, na obscuridade? Embora! Uma hora pode vir em que uma luz o illumine. Com a sua lan-

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

